

Prospectiva (Frutal-MG).

# **Guia de sobrevivência dos 'bixos' de Ouro Preto, Minas Gerais: Uma experiência a partir da cidade das repúblicas estudantis do Brasil.**

Otávio Luiz Machado.

Cita:

Otávio Luiz Machado (2014). *Guia de sobrevivência dos 'bixos' de Ouro Preto, Minas Gerais: Uma experiência a partir da cidade das repúblicas estudantis do Brasil*. Frutal-MG: Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/52>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/9Fc>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# OTÁVIO LUIZ MACHADO

Guia de sobrevivência dos 'bixos'  
de Ouro Preto, Minas Gerais:  
Uma experiência a partir da cidade das  
repúblicas estudantis do Brasil



EDITORA PROSPECTIVA

Otávio Luiz Machado

**Guia de sobrevivência dos ‘bixos’ de Ouro Preto, Minas Gerais: Uma experiência a partir da cidade das repúblicas estudantis do Brasil**

1ª edição

**Frutal-MG  
Editora Prospectiva  
2014**

Copyright 2014 by Otávio Luiz Machado

**Capa:** Hiago Silva (Editora Ferjal)

**Foto de capa:** Otávio Luiz Machado

**Revisão:** Otávio Luiz Machado

**Fotos utilizadas no livro:** Arquivo Otávio Luiz Machado.

**Edição:** Editora Prospectiva

---

Machado, Otávio Luiz. Guia de sobrevivência dos ‘bixos’ de Ouro Preto, Minas Gerais: Uma experiência a partir da cidade das repúblicas estudantis do Brasil – Frutal: Prospectiva, 2014.

**ISBN: 978-85-67463-47-6**

1. Estudantes universitários – Comportamento. 2. Memória Histórica. 3. Educação extracurricular; 4. Moradia Estudantil. CDU316.6:378.4

**Contatos com o autor:**

**Caixa Postal nº 1, 382000-000 Frutal-MG**

**E-mail: [otaviomachado3@yahoo.com.br](mailto:otaviomachado3@yahoo.com.br)**

**Tel: (34) 9668-9575**

# SUMÁRIO

Apresentação.....	04
Conhecer a cidade: o primeiro passo para o ‘bixo’ .....	07
As repúblicas: entender o local que procurou para morar.....	09
Estar num local marcado de lutar e conquistas: moradia estudantil.....	11
A irreverência estudantil.....	16
A importância da capacidade de se superar: aprender a ser gente.....	19
Poder escolher com que vai morar .....	23
As chamadas tradições.....	24
Ser você mesmo e exigir respeito.....	27
Ponto de encontro na universidade: faça parte da história dos jovens.....	28
Imagens diversas de ‘bixos’ em vários momentos.....	37
Considerações finais.....	49

## APRESENTAÇÃO

O presente livro não pretende ser um manual de autoajuda, o que significa propiciar num passe de mágica que “todos os seus problemas serão resolvidos”, mas o de dar algumas “dicas” para os ‘bixos’ de hoje.

Um alento para você que está entrando na universidade é que os veteranos que estão se formando em breve voltarão à condição de 'bixo', pois seja no mercado de trabalho ou na continuidade dos estudos na pós-graduação, o veterano após se formar deverá precisar conhecer novas pessoas, aprender coisas novas, batalhar para fazer parte de novos times e estar sempre buscando ser uma pessoa melhor.



Foto: formatura na República Vaticano. S.d.

A ideia desse livro surgiu numa roda de conversa durante uma visita que fiz na República Senzala de Ouro Preto, no final de agosto de 2014. A ideia veio como numa “luz” que apontou para o centro da conversa, assim nos contagiando do

quanto seria importante um livro voltado aos 'bixos'. É bom que se siga que a formatação do livro e as possíveis falhas que tivermos cometido por aqui são da inteira responsabilidade e exclusividade do autor.

O livro não veio com o objetivo de reforçar os trotes aos 'bixos', nem tampouco para pregar "piedade" aos 'bixos'. O livro veio para registrar uma parte do cerimonial acadêmico universitário em que a figura do 'bixo' é central. Trazemos um apanhado histórico e buscamos passar uma mensagem motivacional aos 'bixos' de hoje. Também se espera que a obra contribua para que os que já foram 'bixo' alguma vez também repense o que foi sair da condição de 'bixo' para o de profissional formado numa escola superior, principalmente o que eles podem fazer hoje para ajudar aos que estão na condição de 'bixo' e os locais por onde passou.

O 'bixo' também precisa olhar para além da barreira que atravessa seu caminho, além de ouvir bastante o que as pessoas querem lhe transmitir, inclusive sabendo filtrar bem o que o interlocutor poderá lhe ajudar com sua comunicação.



Foto: Museu da Inconfidência

Mais uma vez o nosso muito obrigado ao Doutor José Fernando Coura, que propiciou o devido apoio à publicação de mais uma obra através do Sindiextra (Sindicato da Indústria Mineral de Minas Gerais). Zé do Coura, como é chamado pela família ouro-pretana, também é presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM).

O ex-aluno Zé do Coura é ex-aluno da República Aquarius, cuja casa habitou em Ouro Preto durante o seu período de graduação na Escola de Minas de Ouro Preto. Mas também é ex-aluno da República Ninho do Amor, que o homenageou com esse título pela excelente convivência que teve com os também moradores dessa república.

O nosso livro conta histórias dos 'bixos'. Uma história de pessoas, de aprendizagens, de experiências. Boa leitura!



Foto: 'bixos' nos anos 1970. Com destaque para o então estudante José Fernando Coura (Zé do Coura), o último do lado direito, que é ex-aluno da República Aquarius.

## CONHECER A CIDADE: O PRIMEIRO PASSO PARA O ‘BIXO’<sup>1</sup>



Foto: Ouro Preto, Rua do Paraná, set. 2014.

A cidade brasileira de Ouro Preto, localizada na região central de Minas Gerais, é conhecida pelo importante papel que teve na economia brasileira durante o “Ciclo do Ouro”, especialmente no século XVIII. Foi também palco da

---

<sup>1</sup> Uma parte desse capítulo foi extraída de um artigo que escrevi anos atrás. Referência eletrônica Otávio Luis Machado, «As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil», *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 66 | 2003, posto online no dia 01 Outubro 2012, consultado em 01 setembro de 2014.  
. URL:<http://rccs.revues.org/1174>

chamada “Inconfidência Mineira”, um dos movimentos independentistas da história do Brasil.

Em 20 de março de 1823, Ouro Preto, até então chamada Vila Rica, é elevada a capital da Província de Minas Gerais, estatuto que se manteve até finais do mesmo século.

Em 1897, a capital de Minas Gerais passa para Belo Horizonte, que foi planejada e construída exclusivamente para sediar a administração política do Estado devido às limitações geográficas de Ouro Preto. Como consequência, houve um esvaziamento populacional em cerca de 40% (Meniconi, 2000)<sup>2</sup>.

Nesse cenário as repúblicas assumiram papéis importantes na conservação e na divulgação do patrimônio histórico. Quando da transferência da capital para Belo Horizonte, os imóveis disponíveis tornaram-se fartos na cidade. Muitas destas casas foram cedidas ou ocupadas pelos estudantes, que as mantiveram. Quanto às casas cedidas, as famílias a liberavam porque era melhor deixá-los nas mãos dos estudantes que a cuidariam do que deixar desabá-las ou ser ocupadas por estranhos.

A cidade recebeu, em 1933, o título de cidade “Monumento Nacional”, algo então inédito no país. Desde 12 de Dezembro de 1980, Ouro Preto é considerada cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, primeiro título a ser concedido a uma cidade brasileira pela Unesco em reconhecimento de sua importância cultural, e ressaltando a necessidade de sua preservação. Torna-se, desta forma, o maior conjunto urbano tombado do Brasil.

---

<sup>2</sup> Meniconi, Rodrigo Otávio (2000), *A construção de uma cidade-monumento: o caso de Ouro Preto*. Belo Horizonte: UFMG (diss. de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo).

## AS REPÚBLICAS: ENTENDER O LOCAL QUE PROCUROU PARA MORAR



Foto: República Virada pra Lua. S.d.

O que caracteriza a vida em república é a sua divisão das tarefas e a responsabilidade de cada morador, que adquire perante os demais membros. Este é um dos pilares da autogestão, que associado à tomada de decisões na casa possui importância e significado para as casas. Nas repúblicas, para se morar, o calouro precisa se pôr à prova, tanto em sua capacidade e destreza para auxiliar na manutenção da casa como da presença de espírito, ao atribuir valor à amizade. Enfim, preocupação com os demais membros. Os estudantes de Ouro Preto vivem em repúblicas (dizem que vivem os melhores anos da sua vida) convivendo de perto no seu dia-a-dia com pessoas que sentem os mesmos

anseios e participam das mesmas realizações, o que fornece à vida uma esperança renovada.

As repúblicas (particulares e públicas federais) possuem autonomia de gestão e critérios próprios para escolher seus novos moradores, sem a interferência da UFOP, a quem pertencem. A escolha de um novo morador segue uma série de rituais: a integração do “bixo” - como é denominado o candidato a uma vaga na “casa”- à vida do grupo, a sua adequação ao convívio republicano, a fim de levar adiante a instituição república. O ‘bixo’ tem que entender que a república é acima de tudo um local de convivência. Que vai das comadres (verdadeiras mães dos estudantes) aos colegas estudantes.

É preciso respeitar para ser respeitado! É preciso fazer para acontecer. É preciso ter a mesma disposição quando vai participar de uma festa, bem como quando precisar pegar pesado para ajudar nas tarefas das repúblicas.



Foto: Várias comadres sendo fotografadas em 2000.

## **ESTAR NUM LOCAL MARCADO DE LUTAR E CONQUISTAS: MORADIA ESTUDANTIL**



Foto: Acampamento estudantil reivindicando moradia, anos 1960.

O ‘bixo’ também precisa compreender que quando ele vai morar numa república, seja ela da própria universidade, seja ela uma república particular, que o ambiente de sua nova morada traz toda uma história de lutas, desafios, conquistas, perdas e ganhos.

Além da conquista das “repúblicas”, a luta nos primeiros anos de criação da UFOP foi para se consolidar as casas como “repúblicas” autônomas. O reitor da então recém-criada Universidade Federal de Ouro Preto, que ocupava também o cargo de Diretor da Escola de Minas, professor Antônio Pinheiro Filho, buscava intervir na orientação interna das “repúblicas”.

A própria universidade faz parte de uma construção histórica, que representa o esforço de gerações de professores,

estudantes e técnicos-administrativos para que ela cumpra a sua função social, amplie suas atribuições e esteja a serviço de quem a mantém, nesse caso o povo brasileiro.



Foto: construção do campus da UFOP, anos 1970.

Deve-se ressaltar que, no período da ditadura militar, as inúmeras intervenções nas “repúblicas”, tanto da direção dos órgãos escolares, como dos órgãos de repressão e de informação do Estado militar, marcou bastante. Um dos primeiros atos foi a tentativa de desalojamento dos moradores da república Gaiola de Ouro. Para justificar o ato, o Reitor/Diretor salientou que os moradores teriam três opções de moradia: 1) ocupar as vagas deixadas pelos estudantes desligados pelo Reitor/Diretor baseado no Decreto-Lei 477, Lincoln Ramos Viana e Pedro Carlos Garcia Costa, respectivamente moradores das repúblicas Canaan e Castelo dos Nobres; 2) Ocupar as vagas que foram criadas através da ampliação das casas da Rua do Paraná; 3) Ocupar as vagas

que foram criadas através da ampliação da República Baviera (Ofício do Diretor datado de 21 de novembro de 1969). E buscou desalojar os estudantes da República Marragolo, que se situava na Rua Cel. Alves, 55. Esta residência havia pertencido ao professor Domingos Fleury da Rocha, e estava sendo cedida ao uso de profissionais do convênio PLANFAP – Ministério das Minas e Energia. Desta maneira, o Professor Pinheiro determinava, em ofício, a ida de 14 alunos da Marragolo para a casa da rua Salvador trópica, nº 2, enquanto os outros três restantes deveriam ir para a República Aquarius, Rua do Paraná, nº 26 (Ofício de 19 de novembro de 1971). Quanto a esta atitude, houve uma reação imediata do Diretório Acadêmico da Escola de Minas:

*“A atitude arbitrária dessa Diretoria em nomear alunos indistintamente para outras moradias, violando um dos mais sagrados princípios que regem os estudantes desta Casa, quando se podia entrar em cordiais entendimentos, causou a todos repugnância estando os moradores da república em questão dispostos a não efetuar a mudança enquanto não fôr resolvido satisfatòriamente e nos devidos têrmos, o problema em pauta. Temos a salientar que já bastam as provações por que passaram êstes colegas antes e quando nesta república se instalaram. (...) não é demais salientar que a escolha dos novos colegas nas repúblicas é de inteira competência e interesse dos elementos veteranos, com que conviverão, não cabendo portanto interferência de elementos alheios a estas pequenas comunidades. A convivência entre sêres humanos não pode ser imposta” (Ofício DAEM, de 23 de novembro de 1971).*

A convivência entre os seres humanos não pode ser imposta, por isso a luta por mais repúblicas, mais assistência estudantil e maior oferta de vagas tem sido até hoje uma demanda que precisa ser considerada na educação superior brasileira.

As repúblicas estudantis do Campus do Morro do Cruzeiro veio da força do movimento estudantil ouro-pretano. Foi uma bandeira de luta, cuja vitória veio com a abertura da posição da reitoria para investimento direto nos estudantes.



Foto: construção do Morro do Cruzeiro, início dos anos 1980.

Um caso muito significativo foi a luta direta dos estudantes da UFOP, quando resolveram ocupar os imóveis da UFOP cuja destinação não era muito bem aproveitada para servir aos interesses da universidade. Um texto muito bonito sobre a conquista da República Tanto Faz mostra como a escolha do nome passou a ser uma preocupação menor depois da vitória da luta:

*“Mas o nome escolhido foi um terceiro TANTO FAZ, pois “Tanto Faz um, ou outro nome, Tanto Faz uma república ter ou não um nome, Tanto Faz morarem só*

*mulheres ou ser mista, afinal, Tanto Faz”. O mais importante era ter onde morar, onde construir uma república, um lar para estudantes. Hoje a Tanto Faz continua a sua história no seu cotidiano de batalhas, vitórias e persistência a exemplo de sua conquista. Conquista de estudantes para estudantes que foi e é parte da luta pelo direito de ter um ensino público, gratuito e de qualidade. Nesta luta não existe “tanto faz” (Texto de autoria de Lícia Barros Gonçalves publicado no livro **Repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana**, organizado por Otávio Luiz Machado)*



Foto: Ocupação da república Tanto Faz em Ouro Preto-MG, 1987

O ‘bixo’ precisa, então, compreender que ele viverá num ambiente repleto de história, de significados. É preciso entender o que aconteceu ali para viver melhor no seu cotidiano.

## A IRREVERÊNCIA ESTUDANTIL



Foto: Miss Bixo no CAEM, s.d.

As tradições universitárias foram sendo formadas e afirmadas ao longo da história da educação superior brasileira. No caso de Ouro Preto, pode-se dizer que as tradições que foram sendo repassadas ao longo de anos e anos fizeram parte de tradições recentes.

A nossa pesquisa foi identificando um conjunto de tradições que foi se configurando no desfile dos ‘bixos’ em espaços abertos desde os anos 1950. Nesse período e até os anos 1960, também percebemos que o desfile dos ‘bixos’ ganhava as ruas de Ouro Preto, principalmente no entorno do Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), na Praça Tiradentes.

O desfile dos ‘bixos’ reunia muitas pessoas na cidade que iam para a Praça Tiradentes acompanhar esse “acontecimento”, pois além do conjunto de brincadeiras que

eram feitas no desfile, também havia um apelo nos cartazes trazendo inúmeras mensagens que mexiam com o imaginário local, principalmente do interior da Escola de Minas.



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960

O desfile de 'bixos', que atualmente acontece no CAEM, também segue o mesmo espírito de irreverência das décadas anteriores, sendo dessa vez os calouros se vestem de garotas, enquanto as calouras se vestem de garotos. Acontece todo semestre, inclusive existe uma preparação prévia em cada república.

Uma outra apresentação pública dos 'bixos' acontecia no REMOP, quando eles iam fantasiados e eram recepcionados pelos presentes com o barulho das bandejas. Tal forma de integração dos 'bixos' aconteceu até os anos 2000 de uma forma mais intensa.



Foto: pessoal da República Poleiro no Miss Bixo no CAEM, s.d

As placas que os ‘bixos’ carregavam também foi uma tradição muito adotada nas repúblicas até recentemente, sendo tal prática hoje muito comum somente nas repúblicas particulares.



Foto: ‘bixos’ nos anos 1970. Com destaque para o então estudante José Fernando Coura (Zé do Coura), o primeiro do lado direito para o esquerdo, que é ex-aluno da República Aquarius

## A IMPORTÂNCIA DA CAPACIDADE DE SE SUPERAR: APRENDER A SER GENTE



Foto: Desfile dos ‘bixos’ nos anos 1960

“E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu que quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz” (Ferreira Gullar).

Ao receber um calouro, abrigá-lo – muitos chegam apenas com uma mochila nas costas e muita vontade de

crescer –, oferece respaldo emocional, intelectual e material a estes que trazem frequentemente expectativas e idéias nem sempre corretas sobre o ensino universitário ou até sobre sua própria existência. Não se exige do “bixo” apenas o desenvolvimento de tarefas da casa, pois sua “utilidade” à casa se torna importante na demonstração do caráter e da personalidade nesta nova casa que adentra, que possa contribuir à sua maneira com a casa. Não existe um morador ideal, nem é recomendável, mas que tenha vivência, aprenda o quanto antes e com tudo e todos nesta casa. Nesta fase inicial, uma boa morada é fundamental.

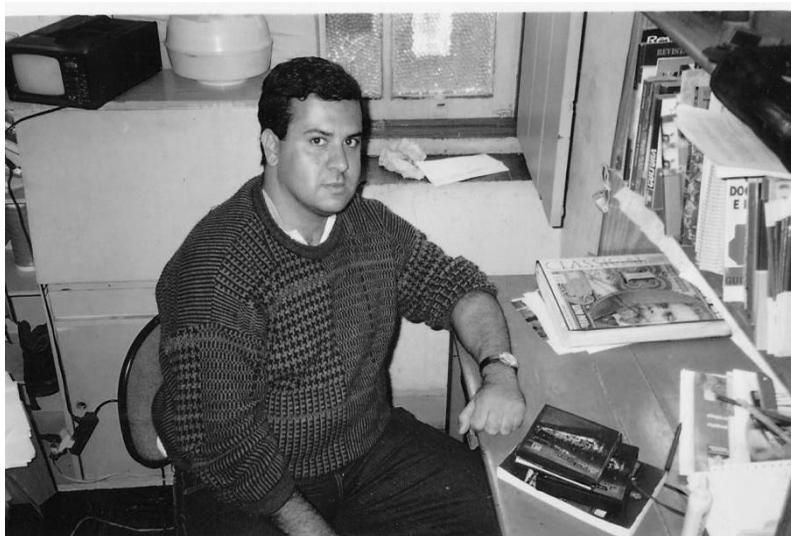


Foto: Otávio Luiz Machado (Jaka) enquanto estudante de graduação na República Aquarius, s.d.

Estar na condição de ‘bixo’ é trilhar um caminho para se tornar uma pessoa melhor. Estar na condição de ‘bixo’ é saber que está começando a subir o primeiro degrau, que a vitória

vai estar para ele lá no último degrau e sempre é preciso subir. Não é uma subida sozinha, porque muitos estarão com o ‘bixo’ nesta trajetória.

Como a vida é sempre marcada por recomeços, então viver é um desafio constante, que exige perseverança, capacidade de criar, de se transformar, de se reerguer quando a situação começa a se desequilibrar.

Se ninguém vence sozinho, então ninguém vive sozinho. Um importante professor da Universidade de Coimbra uma vez me disse: os calouros podem até escolher com quem eles irão morar durante o curso de graduação, mas dificilmente poderão escolher com quem irão trabalhar.

As repúblicas permitem o aprendizado da relação humana e do convívio com as diferenças. A vida em comunidade reflete-se na vida profissional posterior. São elas um lugar de grande aprendizagem, é um dos poucos que permite o debate e uma vivência cultural onde o individualismo é superado. Os sonhos e projetos, compartilhados.

O sistema de repúblicas sempre é citado com gratidão pelos ex-moradores de repúblicas não por acaso, como na festa do 12 de outubro ou nas formaturas. É o caso do patrono da turma de engenheiros de 1999/2, o Presidente da ALCAN do Brasil, João Bosco Silva, que proferiu o seguinte:

*“Ao longo de suas carreiras, por melhores profissionais que forem, como vocês certamente serão, não atingirão resultados sem a participação e envolvimento da equipe. Ninguém vence sozinho. É importante trabalhar em conjunto, saber ouvir, motivar e participar de corpo e alma da vida de uma equipe. Neste sentido a formação em Ouro Preto, no ambiente das repúblicas, dá a vocês uma vantagem competitiva. Quem convive em harmonia*

*no ambiente das Repúblicas, aprende a dividir sonhos e projetos, conquistas e fracassos, a defender seus pontos de vista e a respeitar a opinião dos outros, a abrir mão de prioridades individuais em função do grupo. As repúblicas são respeitadas principalmente pelo sistema de união existente entre as suas paredes, como na divisão de pequenos objetos como as roupas dos outros, alimentos. Muitos relatam que se trata de um quase comunismo”.*

É preciso aprender a viver, a ser, a conviver, a se solidarizar. Não é fugindo do convívio com outras pessoas que sua vida vai ser melhor e mais fácil! É preciso enfrentar!



*Foto: membros da República Xamego. Sd.*

## PODER ESCOLHER COM QUE VAI MORAR

Eu tive uma experiência única quando resolvi escolher a República Aquarius para ser a minha casa quando estudava na Universidade Federal de Ouro Preto.

É lógico que a primeira escolha de qual local iremos morar é nossa enquanto estudante. Mas também teremos que ser escolhidos e aceitos pelos outros. Não é a nossa vontade que sempre será a vontade dos outros.

A “dica” que recebi do colega que trabalhava comigo no REMOP quando eu era ‘bixo’ marcou toda a minha vida republicana. Se as pessoas estão brincando com você, se pegam no seu pé, então é porque se preocupam com você e gostam de você. Querem ter alguma coisa contigo. Se isso não está acontecendo, então algo errado está acontecendo.



Foto: moradoras da República Quase Normal. S.d.

## AS CHAMADAS TRADIÇÕES



Foto: final de semana no Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM). Foto de autoria de Eduardo Trópia. S.d.

Uma palavra que comumente é dirigida aos ‘bixos’ é de que a tradição precisa prevalecer. Não veja as tradições somente pelo lado negativo, ultrapassado. É importante que saiba que antes de você, os locais que vai circular por toda a universidade e a cidade estiveram pessoas na sua mesma condição: jovem, ‘bixo’, sem muita ideia do que vai enfrentar e muita das vezes temeroso do que está por vir.

É importante que saiba ser a palavra tradição também pode ser encarada como “experiências acumuladas”, o que não é ruim se formos encarar que os erros do passado podem ser superados para que a nossa vida fica mais facilitada. A

experiência de recuperação e preservação dos imóveis tombados pelos próprios estudantes em Ouro Preto é algo incrível. Então, se você vai participar da história garantindo que as futuras gerações poderão ter o que encontrar, a sua contribuição vai ser bem vinda!



Foto: Imóvel da República Ninho do Amor na situação vivida pelos primeiros moradores. S.d.

O mais importante: você vai aprender bastante fazendo parte do trabalho desenvolvido nas repúblicas. Quando se formar e voltar ao local que fez parte da sua vida, aí vai ver o

quanto foi importante ter passado por lá. Se sentir em casa novamente. Voltar às suas origens universitárias é algo que não existe preço que se pague diante da sensação e do sentimento tão humano e elementar: a gratidão e sua história de vida guardada um pouquinho por ali.



Foto: Imóvel da República Aquarius na situação vivida pelos primeiros moradores. S.d.

## SER VOCÊ MESMO E EXIGIR RESPEITO



Foto: Festa na República Convento, 2010.

O ‘bixo’ é cobrado geralmente por sua coerência, que não precisa fazer “cena” para chamar a atenção dos outros ou se portar de acordo com a situação. A autenticidade do ‘bixo’ é algo que ainda é muito valorizado em todas as repúblicas estudantis de Ouro Preto.

Seja você mesmo, mas tentando que o seu melhor seja bem aproveitado por onde passar. Também saiba que existe tempo para tudo: estudo, trabalho das repúblicas e as festas. Saber conciliar tudo do início ao fim da faculdade é o que vai torná-lo preparado para a vida e a profissão.

O que sociedade espera de você ao se formar é que tenha a grandeza de servir a sociedade colocando o que aprendeu na escola e na vida. Não desperdice seu tempo com banalidades!

## PONTO DE ENCONTRO NA UNIVERSIDADE: FAÇA PARTE DA HISTÓRIA DOS JOVENS<sup>3</sup>



Foto: seu “Alemão”, que é funcionário fundador do Restaurante da Escola de Minas de Ouro Preto, o REMOP. Em 2000.

Além das diversas moradias, cremos haver outro ponto de encontro importante nas universidades: os restaurantes universitários (RU's). Eles permitem uma convivência importante entre todos os membros da universidade (estudantes, funcionários ou professores).

Não se apoiando apenas no aspecto assistencial – importante principalmente aos alunos de baixa renda –, os restaurantes universitários, as “repúblicas” e casas de estudantes criam um ambiente que gera a aproximação e novas relações entre as pessoas oriundas de classes, culturas e

---

<sup>3</sup> Uma parte deste capítulo foi aproveitado de um artigo que escrevi em 2007 para a revista Juventude.Br. O título do artigo é “O movimento estudantil em torno das casas de estudantes: uma luta histórica”.

formações diferenciadas. Os almoços coletivos dos estudantes no restaurante universitário e a presença em festas ou outras solenidades representa que o grupo está unido não apenas em função do espaço físico da casa. Há “espírito de corpo”.



Foto: festa em República, de autoria de Eduardo Trópia. S.d.

Para Bourdieu, todos os corpos dotados de um espírito corporativo – ele exemplifica com as *fraternities* e as *ororities* das universidades norte-americanas – tais como as famílias se encontram submetidos a dois sistemas de forças: 1) forças da economia: introduzem tensões, contradições e conflitos; 2) forças da coesão: “que estão vinculadas ao fato de a reprodução do capital, sob suas diferentes formas, depender, em grande parte, da reprodução da unidade familiar” (Bourdieu, 2001b, p. 176-177)<sup>4</sup>.

Diferentemente da “habitación de estudante”, presente na teoria desenvolvida por Bourdieu e Passeron na França (Bourdieu & Passeron, 1969)<sup>5</sup>, outras muitas moradias universitárias não são lugares impostos pelas condições econômicas e sociais dos estudantes de Ouro Preto – nosso principal referencial para a análise das moradias estudantis universitárias.

Ou seja, não existem nas políticas universitárias critérios sócio-econômicos ao destinar as vagas, pois quem administra as mesmas são os próprios moradores. E eles é que possuem autonomia perante a Universidade. Dessa forma, a aceitação das diferenças nesse mesmo espaço é possível através de uma série de rituais e cerimoniais acadêmicos que buscam incessantemente a troca de capitais e a inculcação de um *habitus*.

Max Weber (um dos clássicos da teoria social) foi um intelectual que não estudou sistematicamente o tema dos estudantes universitários e da vida comunitária, embora tenha

---

<sup>4</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 3a ed. Campinas: Papyrus, 2001.

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre & PASSERON, J. C. *Los estudiantes y la cultura*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Labor, 1969.

tratado com destaque a questão dos *colleges* norte-americanos, localizados em cidades pequenas. E que obrigavam os jovens a habitar dentro deles exercendo assim um “controle rigoroso sobre o modo de vida dos estudantes” (Weber, 1989, p. 75)<sup>6</sup>. Segundo Weber, as opiniões que recebeu em círculos empresariais norte-americanos explicitavam que os *colleges* tinham uma “função” de promover a formação diferenciada no que tange à preparação dos estudantes para vivenciar uma mesma experiência e se adequar ao sistema social de maneira uniforme. Essas pequenas cidades universitárias e a vida universitária em torno do campus foram estimuladas em diversas cidades européias, como na Alemanha.

As grandes levas de estudantes deslocadas de regiões inteiras para outras é um grande problema por que as cidades passaram, e ainda passam. Na Alemanha, por exemplo, por volta de 1830 os estudantes migravam das universidades de inverno do norte para as de verão do sul num movimento constante que passou a atualizar os ritos da vida estudantil coletiva nas pensões e nas cervejarias (Verger, 1996, p. 74)<sup>7</sup>.

A importância cultural dessas casas é muito forte em universidades norte-americanas e européias:

*“Na segunda metade do século XIX, estudantes universitários fundaram diversas organizações como grupos literários, sociedades secretas, times de futebol, clubes sociais, bem como **fraternities** (fraternidades). Estas últimas se constituíam em grupos fechados de estudantes, que residiam juntos em casas localizadas*

---

<sup>6</sup> WEBER, Max. *Sobre a Universidade*. São Paulo: Cortez, 1989.

<sup>7</sup> VERGER, Jacques. *História das Universidades*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

*dentro ou na periferia dos campi e que, até hoje, podem ser identificadas por letras gregas nas suas fachadas. As primeiras fraternidades eram só para estudantes do sexo masculino. Passado algum tempo as estudantes fundam as sororities (irmandades) para estudantes do sexo feminino. As várias **fraternities** e **sororities** espalhadas por todo o país formam o Greek System, ou seja, o sistema grego, que as une para que tenham maior organização. Esse sistema funciona como uma rede de apoio e de contatos sociais” (Oliven, 2003, s.p)<sup>8</sup>.*



Foto: ‘bixos’ nos anos 1970. Com destaque para o então estudante José Fernando Coura (Zé do Coura), o segundo do lado esquerdo para o direito, que é ex-aluno da República Aquarius

---

<sup>8</sup> OLIVEN, Arabela Campos. “A marca de origem: comparando colleges norte-americanos e faculdades brasileiras”. IN: *GT Educação e Sociedade – XXVII Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais*. Caxambu, 2003.

Por outro lado, a criação de laços profissionais ainda nos primeiros meses da Universidade com a criação de um *network* é muito comum a partir das moradias estudantis:

*“Através dele os estudantes contam com apresentações e/ou recomendações, que podem facilitar a busca de estágios, empregos, empréstimos e outras facilidades. Contam também com uma identidade que os diferencia. Para se pertencer a uma **fraternity** não basta pagar uma mensalidade, é preciso se candidatar. O candidato preenche uma ficha com fotografia, dados pessoais, especificando as razões pelas quais elegeu tal fraternidade para pertencer. Quem escolhe os novos sócios são os antigos residentes. É interessante que um candidato que tenha alguém da família que pertence a uma **fraternity** possua uma chance maior de ser escolhido. Ele possui uma **legacy**, ou seja, um legado. Existem alguns rituais referentes à passagem da condição de **pledged** (candidato) à de membro da organização, ou seja, à de **brother** (irmão). O novo membro deve enfrentar desafios que lhe são impostos para mostrar que é merecedor de fazer parte da organização. A cada um dos novos membros selecionados é designado um irmão mais velho, que já mora na residência, para orientar o novato em termos de adaptação à vida no **college** e na **fraternity**. Existe todo um ritual de acolhimento aos novos sócios. Uma vez irmão, se é irmão por toda a vida. O pertencer a uma **fraternidade** exige lealdade, pois a ligação com esta não se encerra com a obtenção do diploma do **college**. Ela, de fato, continua e deve se expressar no apoio financeiro*

*a obras sociais, na ajuda para a construção e manutenção de algumas residências universitárias para novos membros e, principalmente, no apoio ao **college**” (Ibid. Ibidem).*

As casas de estudantes e “repúblicas”, portanto, possuem importância histórica em vários países. Em alguns deles são mais valorizadas do que em outros. E muitas delas já são parte integrante de diversas cidades, que as reconhecem e as apóiam.

As lutas em torno das casas de estudantes ou repúblicas tornaram-se intensas no final dos anos 1960 no Brasil, inclusive quando da criação da Secretaria Nacional de Casas de Estudantes (SENCE).

É importante ressaltar que tais movimentos buscaram reunir diversas reflexões e ações voltadas para a afirmação da identidade das diversas casas de estudantes através de experiências trocadas em encontros vários. Como ponto central da assistência estudantil universitária, as casas de estudantes ou repúblicas sempre lutaram para a maior valorização de tais residências, principalmente no aspecto de formação extracurricular e do acesso à educação superior.

Em um artigo para o *Jornal da UFOP* em 2004, manifestei minha preocupação com a continuidade do fechamento das “repúblicas” de estudantes de Ouro Preto para aqueles que não fossem de um ou outro curso (Machado, 2004)<sup>9</sup>.

Para a própria sobrevivência do sistema público de “repúblicas” daquela cidade – levando em consideração a

---

<sup>9</sup> MACHADO, Otávio Luiz. *As ‘repúblicas’ e a expansão da educação superior: o caso da UFOP*. Ouro Preto-MG, *Jornal da UFOP*, maio/julho de 2004, p. 11. [www.ufop.br/jufop/164/164.pdf](http://www.ufop.br/jufop/164/164.pdf)

expansão de novas moradias particulares com o oferecimento de quase tudo que as casas de estudantes públicas sempre se vangloriaram de possuir (solidariedade, festas, conforto etc) –, a nosso ver deveria existir um debate franco com todos os membros da cidade, universidade e outros setores fundamentais na questão. Esse debate sobre a moradia estudantil deveria estar presente em todas as moradias universitárias brasileiras.

Não é possível em uma universidade pública termos dissociação entre os estudantes. A experiência nas “repúblicas” e em casas de estudantes deve ser um direito de todos. E nenhuma restrição ao acesso e à permanência às moradias deve ser colocada.

O debate sobre os ‘bixos’ e os trotes universitários deve continuar, inclusive para se chegar a formas mais criativas de integração dos ‘bixos’, pois é sabido de distorções que descaracterizam o verdadeiro espírito universitário.

Para ajudar no debate, reproduzo abaixo os versos coletados pelo antigo NUDEME (Núcleo de Estudos e Debates sobre Moradia Estudantil) da UFOP.

### **Poema de quem tem vida**

Calouro

A vida é breve

O referencial é a idade dos astros

A vida é longa

Nossa referência é a velocidade da luz

A vida é eterna

Essa relatividade voa até o infinito

Calouro

Cada minuto deve ser intenso

Mais precioso se a vida é dura

Duro é o diamante – Valioso

Vale a pena cada passo bem dado

Vale se o corpo pena

E a alma se exalta jubilosa

Calouro

Deixe que te chame de bicho

Que ignorem o seu orgulho

Deixem que raspem sua cabeça

Que maltratam todo o seu corpo

Deixe que mude o seu nome

Que esqueçam das suas raízes

Calouro

Não se importe por desarrumarem seu quarto

Por não respeitarem a sua individualidade

Deixe que massacrem todo o seu corpo

Mas nunca deixem

Que matem a sua alma

Porque bicho de verdade é quem não tem alma

É quem desrespeita a morada de nossa alma

Desses bichos, tenhamos pena – coitados!

Calouro Anônimo-UFOP - 21-09-95

## IMAGENS DIVERSAS DE 'BIXOS' EM VÁRIOS MOMENTOS

### BIXOS NOS ANOS 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960



Foto: Desfile dos 'bixos' nos anos 1960

## BIXOS NOS ANOS 1970



Foto: 'bixos' nos anos 1970. Com destaque para o então estudante José Fernando Coura (Zé do Coura), o primeiro do lado direito para o esquerdo, que é ex-aluno da República Aquarius



Foto: 'bixos' nos anos 1970. Com destaque para o então estudante José Fernando Coura (Zé do Coura), o primeiro do lado direito para o esquerdo, que é ex-aluno da República Aquarius



Foto: 'bixos' nos anos 1970. Com destaque para o então estudante José Fernando Coura (Zé do Coura), o terceiro do lado esquerdo para o direito, que é ex-aluno da República Aquarius



**Foto:** 'bixos' nos anos 1970. Com destaque para o então estudante José Fernando Coura (Zé do Coura), o primeiro do lado esquerdo para o direito, que é ex-aluno da República Aquarius

## BIXOS NOS ANOS 1990



Foto: 'bixos' da República Necrotério, 1998.



Foto: 'bixos' na República Sinagoga, s.d

## BIXOS NOS ANOS 2000



Foto: 'Bixos' da República Aquarius, s.d.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Foto: 'bixos' nos anos 1970. Com destaque para o então estudante José Fernando Coura (Zé do Coura), o segundo da esquerda para a direita, que é ex-aluno da República Aquarius.

Como o primeiro livro exclusivo sobre os 'bixos', o objetivo de apresentar várias particularidades da fase inicial dos estudantes na universidade foi alcançado. Não importa nem sempre em que lugar você está, mas aonde quer chegar, o

que pretende alcançar, o que poderá fazer de diferente na história, como poder fazer para chegar lá que é o seu lugar.

A palavra desistir deve ser excluída do seu vocabulário. Talvez palavras e expressões como união, generosidade, espírito público, cuidado com o outro, família, amor, gratidão, esperança, saudade e tantas outras poderão estar cada dia na sua vida a partir desse momento inicial de sua vida.



Foto: final de semana no Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM). Foto de autoria de Eduardo Trópia. S.d.

Uma frase muito marcante é aqui utilizada para fechar o presente livro, pois se a todo momento quisemos passar várias “dicas” aos ‘bixos’, também precisamos entender que existem limites e possibilidades para a vida universitária, inclusive quando tratamos de nos espelhar no que os outros querem de nós. O que posso dizer quanto ao que quis apresentar ao longo de todo o livro poderá ser pensado assim por vocês:

“Não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição” (Mário de Andrade).

Para finalizar, então deixo para vocês a letra de uma bela canção sobre a cidade que vocês escolheram para morar.

**Ouro Preto**  
*Sérgio Godinho*<sup>10</sup>

Ouro Preto foi na nuvem transportada  
agora não chovia ainda em Minas  
mas já a grande mão ali pousava  
a mão que moldaria nas colinas

Ouro Preto

Eu vi no ar brilhante a trajetória  
das chuvas que trouxeram quantidade  
de gestos, arquitectos da memória  
aos poucos pondo o rosto na cidade  
de Ouro Preto, Ouro Preto

O líquido suspira pela terra  
formando gota o casario

as formas que a paisagem não encerra  
são corpos que na tarde acaricio  
em Ouro Preto, Ouro Preto

Sentado na soleira desmaiado  
uni-me com a estátua que me beija  
a mão que me talhou, do Aleijado  
sentou-me incandescente em sua igreja  
Raiz que reconheço também minha  
ou âncora por vezes já sem nó  
eu chego aqui como antes já não vinha  
em Ouro Preto eu não me sinto só

Ouro Preto, Ouro Preto

---

<sup>10</sup> Fonte: <http://letras.mus.br/sergio-godinho/498144/>